

SÁBADO, 19
SETEMBRO

RPSP: SL 43



VERSO PARA MEMORIZAR

“A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vocês” (2Co 13:13).

Paulo encerrou 2 Coríntios reafirmando conceitos essenciais abordados ao longo de suas cartas. Ele o fez por meio de cinco imperativos (2Co 13:11).

O primeiro imperativo, “alegrem-se” (NVT), retoma ênfases presentes anteriormente nas cartas. O segundo, “cresçam até alcançar a maturidade” (NVT), traduz uma única palavra em grego (*katartizo*), que ocorre nesse texto e em 1 Coríntios 1:10. O terceiro, “encorajem-se mutuamente” (NVT), retoma 2 Coríntios 1:3 a 7. Paulo abriu e fechou a segunda carta com encorajamento: recebemos o encorajamento de Deus para encorajar outros (2Co 1:4, 6, NVT).

O quarto e o quinto imperativos, “tenham o mesmo modo de pensar” e “vivam em paz” (2Co 13:11), são um chamado à unidade. Esse ambiente de alegria, restauração, encorajamento, unidade e paz é a condição para ter a presença do “Deus de amor e de paz” (2Co 13:11). Ele é fruto da obra do Deus triúno no coração humano (2Co 13:13).

Graça, amor e comunhão decorrem da atuação do Deus triúno em nosso favor. Essas três qualidades cristãs promovem uma atmosfera caracterizada pela presença de Deus.

Leituras da semana

2Co 8:9; 13:11; Rm 16:20; 1Jo 4:8-11; Fp 2:1, 2; Gl 4:4-6

A graça de Jesus

É inspirador perceber que no fim de 2 Coríntios Paulo voltou a mencionar a graça de Cristo, assim como fizera na abertura (2Co 1:2; 13:13). Ele abriu e fechou a carta com esse tema. Vimos no início deste trimestre que Paulo não conseguia parar de pensar em Jesus e falar sobre Ele.

“Pois vocês conhecem a graça do nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, Se fez pobre por amor de vocês, para que, por meio da pobreza Dele, vocês se tornassem ricos” (2Co 8:9). Quão admirável e irresistível é a graça de Jesus! Ele deixou as riquezas de Sua existência eterna no Céu para Se fazer pobre. Andou pelas estradas empoeiradas da antiga Galileia. “Ele Se humilhou, tornando-Se obediente até a morte, e morte de cruz” (Fp 2:8). Fez isso para que nos tornássemos “ricos”, isto é, para que tivéssemos a oportunidade de estar com Ele no Céu. Para nós, que só conhecemos um mundo de pecado, morte e sofrimento, é difícil compreender o que significou para Jesus deixar as cortes celestiais e vir até aqui a fim de oferecer Sua vida em nosso lugar.

1. Leia Romanos 16:20; Gálatas 6:18; Filipenses 4:23; e 1 Tessalonicenses 5:28. Que ensino essencial aparece nessas passagens?

Paulo mencionava com frequência a graça de Jesus em suas cartas. Entre suas declarações mais marcantes estão: “A graça de Deus [...] transbordou ainda mais para muitos” (Rm 5:15, NVI); “os que recebem a abundância da graça [...] reinarão em vida por meio de [...] Jesus Cristo” (Rm 5:17). Assim como em 2 Coríntios, Paulo também iniciou e encerrou outras cartas mencionando a graça de Jesus (Rm 1:7; 16:20; 1Co 1:3; 16:23; Gl 1:3; 6:18; Fp 1:2; 4:23). Esse assunto ocupava seu pensamento, e ele desejava que ocupasse também a mente dos coríntios.

Esse era seu desejo para todas as igrejas. Observe o que escreveu aos efésios: “A graça esteja com todos os que amam sinceramente o nosso Senhor Jesus Cristo” (Ef 6:24). Será que Paulo desejaria que amássemos a Jesus menos do que isso? Certamente não. Afinal, sua oração era para que a graça de Cristo alcançasse “um número cada vez maior de pessoas” (2Co 4:15, NVI) e fosse suficiente para elas, assim como fora para ele (2Co 12:9).

 *Pense na graça de Deus para com você. O que você merece, considerando o que já disse e fez? E o que a graça de Deus lhe oferece em vez disso?*

O amor de Deus

“A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vocês” (2Co 13:13). Com esse verso, Paulo encerrou a carta. Note a ordem em que ele mencionou as três Pessoas da Trindade: Filho, Pai e Espírito Santo. É pela atuação conjunta dos três que compreendemos melhor quem Deus é e o que Ele faz por nós.

2. O que João 3:16, 17; Romanos 8:37-39; e 1 João 4:8-11 ensinam sobre o amor de Deus?

João afirma: “Deus é amor” (1Jo 4:8). Amor é um atributo essencial do caráter divino. O apóstolo destaca que conhecemos esse amor porque Deus deu Seu Filho unigênito para morrer por nós (Jo 3:16). Ele enviou Jesus em missão de resgate (Jo 3:17), como parte do plano da salvação (At 3:20, 21; 1Jo 4:10, 14). Nos evangelhos, Jesus Se referiu várias vezes ao Pai como Aquele que O enviara (Mt 10:40; Mc 9:37).

Em uma declaração notável, Paulo escreveu: “Mas Deus prova o Seu próprio amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido por nós quando ainda éramos pecadores” (Rm 5:8). Vislumbramos esse amor em relacionamentos como o de marido e mulher, entre pais e filhos, em amizades sinceras e assim por diante. Também podemos ver o amor de Deus na natureza. A esse respeito, Ellen White diz: “‘Deus é amor’ está escrito em cada botão de flor que se abre e em cada folha que cresce no campo. Os belos pássaros, que alegam o ar com seus alegres cantos, as flores, perfeitas e delicadamente coloridas, que perfumam o ar, as árvores frondosas da floresta, com sua exuberante e viçosa folhagem – tudo dá testemunho do cuidado paternal do nosso Deus e do desejo que Ele tem de tornar Seus filhos felizes” (*Caminho a Cristo* [CPB, 2024], p. 7).

Nada, porém, é mais convincente do que Deus ter dado Jesus como sacrifício pelos nossos pecados. Ao entendermos que Deus nos amou a ponto de enviar Jesus para entregar Sua vida por nós, nossa resposta é a disposição de “dar a nossa vida pelos irmãos” (1Jo 3:16).

Paulo desejava que os coríntios vivessem em unidade. Mas, sem amor, não há unidade. Por isso, ensinou que “o amor edifica” (1Co 8:1) e que, sem amor, tudo se torna vão e inútil (1Co 13:1-3). Assim, tudo o que fazemos deve ser feito em amor (1Co 16:14) – um amor que é uma extensão do amor de Deus.

 Se Jesus não fosse plena e eternamente Deus, o que faltaria ao evangelho?

O Deus de amor

No mundo pagão antigo, não se acreditava que os deuses amassem os seres humanos. Pelo contrário, eram considerados irados e malévolos, devendo ser aplacados. A ideia bíblica de um Deus de amor era uma novidade. Por isso, é surpreendente que Paulo descreva o Senhor como o “Deus de amor e de paz” (2Co 13:11).

3. Leia 2 Coríntios 13:11. Que esperança você encontra nesse verso? Como experimentar de modo mais pleno o que ele ensina?

A expressão “Deus de amor e de paz” pode ser entendida de duas maneiras diferentes. De um lado, Deus é visto como a fonte do amor e da paz. De outro, Ele é caracterizado pelo amor e pela paz. Não é necessário optar entre as duas ideias – uma vez que amor e paz são características intrínsecas de Deus, Ele mesmo nos concede essas duas virtudes.

Em outros trechos, Paulo chamou o Senhor de “Deus da paciência e da consolação” (Rm 15:5), “Deus da esperança” (Rm 15:13), “Deus da paz” (Rm 15:33; 16:20; Fp 4:9; 1Ts 5:23; veja 1Co 14:33), “Pai de misericórdias” (2Co 1:3) e “Deus de toda consolação” (2Co 1:3). Deus é a fonte de todas essas bênçãos e as derrama sobre nós por Seu amor inabalável.

Embora a expressão “Deus da paz” seja comum na Bíblia, “Deus de amor” ocorre apenas nesse texto (2Co 13:11) – por isso, merece uma reflexão mais cuidadosa. Como muitos estudiosos observam, a menção ao “Deus de amor” poucos versos antes da bênção trinitária de 2 Coríntios 13:13 sugere que Paulo via Deus como três Pessoas. “Embora aqui ele use a palavra ‘Deus’ como um dos três, seu entendimento sobre Jesus e o Espírito em suas outras cartas [...] força-nos a ver toda a frase como descrevendo o Deus que a igreja, em seu mais tenro início, entendeu como sendo trino. Passou-se mais de um século para que os teólogos comesçassem [...] a usar palavras como ‘Trindade’ para expressar, de forma resumida, o que Paulo já está articulando” (N. T. Wright, *Paulo Para Todos: 2 Coríntios* [Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020], p. 174).

Cremos em um único Deus: uma unidade de três Pessoas que existem eternamente em relacionamento de amor. Esse Deus triúno nos ama e nos convida a amar uns aos outros de modo que nosso amor reflita o amor que existe entre Eles.

A comunhão do Espírito Santo

A graça de Jesus não apenas revela o amor de Deus por nós; ela também gera, como fruto desse amor, a comunhão do Espírito Santo. Ao mesmo tempo, a comunhão tem sua fonte no amor de Deus, pois, sem amor, não há comunhão. Como escreveu Paulo: “Portanto, se existe alguma exortação em Cristo, alguma consolação de amor, alguma comunhão do Espírito, se há profundo afeto e sentimento de compaixão, então completem a minha alegria, tendo o mesmo modo de pensar, tendo o mesmo amor e sendo unidos de alma e mente” (Fp 2:1, 2).

Alguns acreditam que o Espírito Santo seja apenas uma força ou influência. Entretanto, isso não procede. Por que Paulo mencionaria duas Pessoas – o Pai e o Filho – ao lado de uma mera “força” numa fórmula trinitária? Não faria sentido. Assim como o Pai e o Filho estão em relação pessoal (2Co 1:3; 11:31), o modo como o Espírito Se relaciona com pessoas nos leva à conclusão de que Ele também é uma Pessoa (Rm 8:15, 16; veja Jo 14:16, 17, 26; 15:26).

A expressão “comunhão do Espírito” (Fp 2:1) pode ser entendida de duas maneiras: comunhão entre os crentes concedida pelo Espírito ou comunhão com o próprio Espírito. Vários estudiosos observam que esses sentidos não se excluem: a comunhão entre os cristãos é consequência da comunhão que temos com o Espírito Santo.

4. Leia 1 Coríntios 2:10, 11; 3:16; 12:11; e 2 Coríntios 3:6, 17. O que Paulo ensinou aos coríntios sobre o Espírito Santo?

Paulo tratou amplamente da obra do Espírito. Em 1 e 2 Coríntios, há mais de 40 referências ao Espírito Santo. Ele promove a edificação da igreja (1Co 14:12), capacita-nos para a missão (1Co 2:4, 5), revela-nos as profundezas de Deus (1Co 2:10, 11) e nos instrui nelas (1Co 2:13), habita em nós (1Co 3:16; 6:19), coopera com Cristo para nossa justificação (1Co 6:11), distribui dons espirituais à igreja (1Co 12–14), sela-nos para a salvação (2Co 1:22), grava a lei de Deus no coração humano (2Co 3:3) e concede nova vida em Cristo (2Co 3:6) e liberdade do pecado (2Co 3:17). Sem dúvida, não podemos viver sem o Espírito Santo.

 Por que entender a divindade do Espírito Santo é importante para compreender plenamente o amor de Deus por nós?

Nosso Deus triúno

Ao ler 2 Coríntios 13:13, alguém poderia pensar que Cristo é a única fonte da graça, que Deus é a única fonte do amor e que o Espírito Santo é a única fonte da comunhão. Nada poderia estar mais longe da verdade.

- 5. Leia 1 Coríntios 1:3, 4, 9; 10:16; 2 Coríntios 1:2, 12; Romanos 8:35; 15:30; Gálatas 2:20; e Efésios 3:19. O que esses textos dizem sobre graça, amor e comunhão em relação às três Pessoas da Trindade?**

O Pai, o Filho e o Espírito Santo atuam juntos para a nossa salvação. Graça, amor e comunhão não procedem de apenas um Deles, mas dos três. Ainda assim, cada um exerce funções específicas na história da salvação. Paulo tinha isso em vista e o destacou em suas cartas. Por exemplo, Gálatas 4:4 a 6 descreve, com incrível economia de palavras, o plano da salvação e a participação das três Pessoas da Divindade. Deus, o Pai, enviou Jesus, o que indica que o Pai é a fonte desse plano (Gl 4:4). O Filho nasceu de mulher (Gl 4:4) – referência à encarnação e ao cumprimento da antiga promessa (Gn 3:15). Ele nos redimiu e nos reconduziu ao relacionamento correto com o Pai, acerca de quem Satanás havia mentido (Gn 3:5). E o Espírito Santo atesta nossa identidade como filhos de Deus (Gl 4:6).

Há diversas outras referências à Trindade nas cartas paulinas. Os três agem em conjunto: capacitam a igreja para a missão (1Co 12:4-6), concedem poder espiritual (Ef 3:14-19) e promovem unidade profunda entre os membros da igreja, replicando a unidade que assinala o relacionamento entre os membros da Divindade (Ef 4:4-6). No entendimento de Paulo, Deus não apenas é triúno, mas as três Pessoas da Divindade também trabalham juntas para a nossa salvação (Ef 1:3, 13, 14). Em Efésios, Paulo chegou a dizer que devemos ser “cheios” da plenitude do Pai (Ef 3:19), do Filho (Ef 4:13) e do Espírito Santo (Ef 5:18).

Ao concluir suas cartas aos coríntios (2Co 13:13), Paulo não poderia ter terminado melhor: com a promessa de que os três Dignitários do Universo – o Trio celestial – estarão conosco agora e para sempre.

 *Como a comunhão entre os membros da igreja deve refletir o relacionamento amoroso que existe na Divindade?*

Estudo adicional

Leia, de Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* [CPB, 2021], “Não se Turbe o Vosso Coração” (p. 533–549).

“Somente a graça de Jesus Cristo pode transformar o coração de pedra em coração de carne e vivificá-lo para Deus. [...] Os seres humanos não têm poder de justificar a alma nem santificar o coração. A doença moral não pode ser curada senão pelo poder do grande Médico. O mais elevado dom do Céu – o Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade – é o único capaz de redimir os perdidos” (Ellen G. White, *The Signs of the Times*, 2 de maio de 1892).

“Deus é amor’ (1Jo 4:8). Sua natureza e Sua lei são amor. Sempre foi assim e sempre será. ‘O Alto, o Sublime, que habita a eternidade’ (Is 57:15), cujos caminhos ‘são eternos’ (Hc 3:6), não muda. Nele ‘não há mudança, nem sombra de variação’ (Tg 1:17, ARC). Toda manifestação de poder criador é uma expressão de amor infinito. A soberania de Deus implica plenitude de bênçãos a todos os seres criados. [...] A história do grande conflito entre o bem e o mal, desde o tempo em que começou no Céu até o final da rebelião e extirpação total do pecado, é também uma demonstração do imutável amor de Deus” (Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* [CPB, 2022], p. 9).

“Precisamos reconhecer que o Espírito Santo, que é uma pessoa como o próprio Deus, está andando por esses terrenos. [...] O Espírito Santo é uma pessoa, pois dá testemunho com o nosso espírito de que somos filhos de Deus. [...] O Espírito Santo tem personalidade, do contrário não poderia testificar ao nosso espírito e com nosso espírito que somos filhos de Deus. Deve ser também uma pessoa divina, do contrário não desvendaria os segredos ocultos na mente de Deus” (Ellen G. White, *Evangelismo* [CPB, 2023], p. 427).

“Há três pessoas vivas pertencentes à Trindade celestial; em nome destes três grandes poderes – o Pai, o Filho e o Espírito Santo – aqueles que recebem a Cristo por fé viva são batizados, e esses poderes cooperarão com os súditos obedientes do Céu em seus esforços para viver a nova vida em Cristo” (*Evangelismo*, p. 426).

Perguntas para consideração

1. Como o amor de Deus é retratado na parábola do filho pródigo?
2. Como as igrejas locais podem demonstrar a “comunhão do Espírito”?

Respostas às perguntas da semana: 1. Todas destacam a graça de Jesus como bênção constante e essencial para a vida cristã. 2. Ensinam que o amor de Deus é revelado em Cristo, é sacrificial, salvador e inseparável. 3. A esperança está em viver em unidade, paz e restauração, desfrutando a presença do Deus de amor. 4. Que o Espírito Santo é divino, pessoal, habita nos crentes e os capacita espiritualmente. 5. Mostram que graça, amor e comunhão procedem do Pai, do Filho e do Espírito Santo em perfeita unidade.